

## ESTIGMAS DO CORPO, GÊNERO E SEXUALIDADE NO ESPORTE: VOLEIBOL ENQUANTO ESPAÇO DA MULHER E DA “BICHA”<sup>1</sup>

Paula Nunes Chaves

### RESUMO

*Esse texto objetiva refletir sobre o cenário de estigmas e preconceitos de gênero e sexualidade vividos por um grupo de jogadores de voleibol do RN, a partir de histórias narradas em entrevistas semi-estruturadas. Os sujeitos apontam acontecimentos discriminatórios na escola, em competições, partindo de técnicos, adversários, torcida, e também da família.*

*PALAVRAS-CHAVE: Voleibol; Gênero; Sexualidade.*

### INTRODUÇÃO

O mundo esportivo sempre foi marcado por relações de gênero e sexualidade, por conflitos, preconceitos e questões. O esporte, em sua manifestação contemporânea, tem sido palco nos últimos tempos de inúmeras discussões e questionamentos acerca de seus pilares fundantes no tocante aos padrões de gênero e sexualidade, que polarizam em categorias díspares o feminino e o masculino. Tendo em vista que “as características das sociedades modernas influenciam diretamente as peculiaridades do esporte para atualizar seus valores e legitimar essa manifestação no cenário social” (ARAÚJO, p. 776, 2012), o esporte nos moldes vigentes já não mais consegue sustentar-se em um contexto pós-moderno marcado pela diversidade, instabilidade e ambiguidade de corpos, gêneros e sexualidades, demandando, assim, uma reconfiguração.

Tendo em vista as rupturas das concepções tradicionais do que é ser masculino e feminino, configurados socialmente como opostos e binários, amplia-se o leque de demandas e configurações corporais no esporte. Corroboramos, assim, com o pensamento de Jaeger e Goellner (p.966, 2011) ao afirmarem que: “identificamos o esporte como um espaço propício para tencionar as representações de gênero, pois nele produzem-se corpos e subjetividades que desestabilizam as determinações biológicas”. Diante disso, as práticas esportivas tem sido palco da expressividade de masculinidades e feminilidades não-tradicionais e diversas, que rompem com as estruturas e modelos unívocos de gênero e sexualidade.

---

<sup>1</sup> Este estudo teve apoio financeiro através da concessão de bolsa de estudos de Iniciação Científica .



Nesse cenário, as sexualidades contra-hegemônicas vêm ganhando espaço e visibilidade no espaço esportivo, gerando a necessidade de repensar e redimensionar essas configurações binárias, como nos fala Araújo (2012, p.68):

O esporte, não alheio à conjuntura social que o abarca, identifica (mesmo que com resistência) tais questionamentos e/descentramentos em seu campo que possibilitam uma complexificação das posições binárias e maniqueístas em torno do gênero e sexualidade dos sujeitos/atletas. Contudo, destacamos a resistência do fenômeno esportivo a essa nova demanda por compreender que esta desestabiliza a prática esportiva, inclusive, em sua clássica forma de organização das modalidades por categoria e gênero (ARAÚJO, 2012, p.68).

É nesse instante que o esporte pode ser visto como um espaço que possibilita desestabilizar o padrão binário dos gêneros, ao dar visibilidade, por exemplo, a corpos de mulheres extremamente fortes e viris disputando uma luta ou jogando futebol americano, bem como corpos de homens musculosos que optam pela leveza dos movimentos da ginástica rítmica ou artística, ou ainda da dança. Para além de desconstruir esse binarismo, o esporte tem propiciado dentro de suas práticas, a existência de atletas que questionam também o padrão heteronormativo dominador<sup>2</sup>, que fez do esporte na sua historiografia um espaço de validação do heteronormativo tradicional. Atualmente, temos assistido de forma crescente afirmações de uma sexualidade que contradiz a norma heterossexual vigente na sociedade.

No entanto, mesmo com os questionamentos e afirmações, o esporte ainda é um espaço generificado, marcado pela expressão e perpetuação de comportamentos tradicionais e clássicos de gênero e sexualidade. Esses modelos tradicionais ainda permeiam as práticas corporais, e provocam um processo de generificação das mesmas (esportivas ou não), acompanhadas de preconceitos e estigmas, que afastam as mulheres, sinônimos da delicadeza no imaginário social, de práticas tidas como violentas e viris, bem como distanciam os homens de comportamentos delicados e frágeis na conjuntura esportiva.

Ao nos reportarmos ao mundo do voleibol, objeto deste estudo, observamos que essa prática tem sido cada vez mais associada ao universo feminino e à homossexualidade masculina de forma pejorativa e preconceituosa no cenário brasileiro. Ao romperem o paradigma tradicional de masculinidade no esporte, alguns sujeitos gays no voleibol e nos

---

<sup>2</sup> “A heteronormatividade é o dispositivo que cria um campo de significação pelo qual a heterossexualidade pode se definir e, por sua posição de poder hegemônica, ganhar o posto de natural”(COSTA, 2013, p.198).



demais esportes assumem um modo de ser que não é aceitável ou desejável para os padrões de masculinidade e virilidade, e são alvos de inúmeros preconceitos nesse universo.

Esse cenário se reflete na ínfima quantidade de homossexuais assumidos que jogam profissionalmente no alto rendimento quando comparada a quantidade de sujeitos de sexualidades dissidentes que praticam essa modalidade esportiva nas categorias e campeonatos escolares. É nessa direção que caminham alguns episódios como o caso do jogador Luiz Cláudio Alves da Silva, o Lilico, que após se assumir homossexual não foi mais convocado para defender a seleção brasileira, mostrando a possibilidade do heterossexismo dominante no volei de alto rendimento. Podemos citar, nesse contexto, o caso recente do jogador também homossexual Michael dos Santos, que foi alvo de ofensas durante um jogo da super liga, no qual a torcida gritava “bicha” todas as vezes que ele ia sacar. O caso de Michael teve grande repercussão na mídia televisiva brasileira, com reportagens nos programas esportivos das principais redes de TV que narravam o fato lamentável bem como mostravam as impressões do jogador sobre o acontecido.

Diante deste cenário, o trabalho aqui descrito é parte de uma pesquisa de conclusão de curso que refletiu sobre as questões de corpo, gênero e sexualidade no voleibol a partir de uma película chamada *The Iron Ladies*, que versa sobre os conflitos e preconceitos sofridos por uma equipe de voleibol formada por homens gays na Tailândia. A partir da apreciação da película, foi organizada uma entrevista semi-estruturada para ser aplicada a um grupo de jogadores do Rio Grande do Norte, dentre os quais alguns eram gays, e que representaram o Estado nos jogos Universitários Nacionais no ano de 2010 na cidade de Blumenau – SC (JUB’s 2010).

A escolha desse grupo justificou-se pela recorrência midiática que se sucedeu pela participação deste time, composto por jovens gays e heterossexuais nas olimpíadas universitárias. Um programa esportivo de uma rede de televisão realizou uma reportagem sobre a forma peculiar com que os atletas comemoravam os pontos durante o jogo, satirizando o comportamento e as gestualidades atreladas ao feminino. Tal reportagem mostra a equipe como aquela que roubou a cena nos jogos e conquistou a torcida por ser um time “bem-humorado” e animado, enfatizando seu jeito diferente de jogar, de se comportar em quadra e comemorar os pontos com afetações do feminino. Essa reportagem teve uma repercussão extrema no Estado do RN, principalmente na capital Natal, com manifestações de apoio e repúdio tanto ao formato da reportagem como ao hábito e expressões do universo feminino



tradicional de alguns dos atletas, que materializam de forma marcante a sexualidade desviante no espaço esportivo.

A equipe era composta por 10 jogadores, dentre os quais o quantitativo majoritário assumiram a homossexualidade. Dos 10 jogadores, foram entrevistados para esta pesquisa apenas sete. A dificuldade de entrevistar os demais se configurou a partir de distanciamentos geográficos, tendo em vista que um dos jogadores encontrava-se em Portugal, e os outros dois não se mostraram acessíveis a responder às questões. As entrevistas foram realizadas pessoalmente, gravadas e transcritas posteriormente, com exceção de uma que se operacionalizou por meio telefônico com um jogador que residia na cidade de Recife.

A entrevista semi-estruturada foi balizada nos aspectos suscitados pela representação fílmica no tocante principalmente à gênero, sexualidade, esporte e preconceito, e objetivava adentrar na situação vivida dos jogadores e enriquecer a investigação, tendo em vista que esse tipo de procedimento auxilia a descrição dos fenômenos e o entendimento na sua totalidade (TRIVIÑOS, 1987, p.150).

Seguindo a perspectiva segundo a qual trajetórias de vida são construções históricas e sociais, cujas narrativas versam sobre as experiências marcadas e registradas no corpo e na memória, nos balizamos no método da história oral, que “[...] utiliza diferentes técnicas de entrevista para dar voz a sujeitos invisíveis e, por meio da singularidade de seus depoimentos, constrói e preserva a memória coletiva” (GONÇALVES; LISBOA, 2007, p.87).

No intuito de realizar essa historiografia dos sujeitos, intencionamos saber como se sucedeu a relação destes com a Educação Física no âmbito escolar e esportivo na perspectiva do descentramento da masculinidade normatizada e suas consequências, bem como sua relação com o esporte na educação básica, os estigmas, preconceitos e conflitos que possivelmente se sucederam nos diversos âmbitos familiares e coletivos, como os de competição e treinamento.

Nessa direção, o recorte deste texto objetiva refletir sobre o cenário de estigmas e preconceitos vividos por esse grupo de jogadores do Rio Grande do Norte no cenário do voleibol, na família, no âmbito da Educação Física na escola, nas competições e treinamentos a partir dos depoimentos e histórias narradas nas entrevistas.

## ENTRADA E PERMANÊNCIA NO VOLEIBOL: NARRATIVAS DA GENERIFICAÇÃO E DO PRECONCEITO



É interessante perceber que logo no início das entrevistas já começavam a aparecer questões relacionadas ao preconceito, adiantando as indagações posteriores a esse respeito no curso da entrevista. Ao realizar um panorama sobre a entrada desses sujeitos no mundo do voleibol, no início das conversas, tem-se que todos iniciaram em cidades do interior do Estado, enquanto crianças ou adolescentes, geralmente entre 9 e 13 anos, e um iniciando mais tardiamente com 15 anos.

Alguns iniciaram sua trajetória treinando com meninas pela inexistência de times masculinos na escola, fato este que confirma o processo de generificação das práticas corporais, atribuindo, por exemplo, o futebol aos meninos, e o voleibol como prática “natural” para as meninas. Outros iniciaram ao serem chamados para compor equipes por serem altos, no entanto, a categoria do gostar e do prazer perpassou todas as falas como sendo o fator primordial de escolha e permanência no voleibol. Ao serem questionados se ao adentrarem na prática do voleibol reconheciam esse espaço como envolto por preconceitos de gênero, três entrevistados responderam que “sim”, outros três responderam que “não” porque não tinham consciência de sua sexualidade ainda e um disse se mostrar indiferente.

Dois dos entrevistados mencionaram que foram influenciados pelas irmãs que jogavam e eles as acompanhavam. Nesses discursos é perceptível a ligação entre o voleibol e o feminino/ a mulher. Outro dado importante refere-se ao fato de que a maioria dos entrevistados iniciaram a prática esportiva bastante cedo, e não necessariamente começaram no voleibol. Um praticava tênis de mesa, outro disse que praticava todos os esportes e um disse que fazia futebol. Nesse sentido, acionamos a reflexão abaixo para pensar esporte e masculinidade:

Quando somos pequenos, é comum as práticas esportivas serem impostas como um dos paradigmas de identidade masculina. Ser homem é estar com os outros homens jogando futebol. Qualquer um que se diferencie desse paradigma é considerado mais fraco, associado ao feminino, e por vezes, à figura do homossexual (COSTA, 2013, p.196,197).

O próprio fato de em algumas escolas só existirem equipes femininas de voleibol representam esse paradigma de gênero e sexualidade, que inclusive se faz presente no discurso emblemático de um dos entrevistados, como podemos ver abaixo:

*“Em Currais Novos, foi que começou a associação do voleibol com a homossexualidade, acho que não tem nada a ver. Quando o homem se descobre e quer praticar alguma atividade física, se ele for assumido não sabe se vai ser aceito nos outros esportes. E o esporte da mulher é o voleibol. Nas escolas públicas do interior, educação física para homens é*

*futebol, pra mulheres é voleibol. É uma questão cultural de associação do voleibol com a homossexualidade. No futebol também tem homo, mas esses não são assumidos porque não ia ser bem aceitos. E no volei é normal o homossexual [...] Homossexualidade é muito da infância, ele quer ser uma mulher, e o vôlei é culturalmente a melhor” (Entrevistado 7).*

No discurso acima, existe a associação reducionista de que o homossexual masculino deseja ser uma mulher, bem como a associação desta homossexualidade com o voleibol. Além disso, é interessante perceber, segundo o entrevistado, uma determinada aceitação ou acolhimento do gay no voleibol, já que este é um esporte para meninas, em detrimento de outros esportes, como o futebol, símbolo forte da masculinidade hegemônica. Em seu discurso, ele aceita os espaços que são destinados culturalmente às masculinidades e feminilidades clássicas, bem como reproduz a generificação dos esportes.

Quando nos reportarmos especificamente ao mundo da escola e da Educação Física neste espaço, percebemos que as narrativas e estigmas acima colocados são recorrentes. Primeiramente destacamos o discurso do entrevistado 7 ao denunciar uma prática ainda recorrente nas aulas de Educação Física, que consiste na dicotomia esportiva materializada em futebol para homens, queimada ou voleibol para as mulheres, reafirmando os processos de generificação das práticas corporais, fruto de construções sociais. Podemos perceber esse fato em outra narrativa proferida:

*“Nas aulas sempre queria jogar queimada no time das meninas. Algum comentário sobre isso devia ter, mas o professor tentava mediar. Eu não ligava, eu tinha medo do que podiam falar pra minha mãe” (Entrevistado 2).*

Essa resposta faz referência a uma das perguntas da entrevista que objetivava descobrir possíveis preconceitos sofridos pelos sujeitos homens (gays ou não) praticantes de voleibol no âmbito da Educação Física escolar. Considerando que alguns não faziam Educação Física na escola, somente práticas esportivas, e os que chegaram a frequentar disseram não lembrar-se de nenhum preconceito explícito sofrido nesse espaço, destacamos que um dos jogadores diz ter sofrido xingamentos na escola, mas não durante as aulas de Educação Física.

Esse dado vai de encontro às considerações de Dos Anjos (2013, p.16) ao trazer alguns resultados de pesquisas:

Cunha Jr. e Melo (1996), em pesquisa junto a um grupo de dez homossexuais masculinos, mostram que a educação física escolar foi apontada como um espaço que contribui para o estabelecimento de

preconceito e discriminação, sendo o professor de Educação Física apontado como um cúmplice disso. Knijnik (2006) demonstra, ainda, que a escolha de determinadas práticas de lazer coloca a sexualidade desses praticantes sob suspeita, demandando atitudes compensatórias (DOS ANJOS, 2013, p.16).

Contudo, mesmo não fazendo referências a preconceitos nas aulas de Educação Física, alguns mencionam a figura dos técnicos de voleibol como externalizadores de estigmas:

*“De uma forma geral, companheiros de time, torcedores. Mas nunca liguei. Fazia bem o que eu gostei. Os técnicos tentavam disfarçar, uma falsa moral devido o profissionalismo, respeitavam por eu ajudar, mas comentavam com os outros e eu descobria” (Entrevistado 5).*

Nas palavras de outro sujeito da pesquisa:

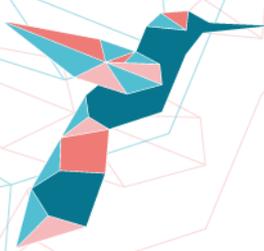
*“A pessoa escuta muitos técnicos, outros atletas: Aquela bicha! Não tem pra que jogar! Fica fechando! Tive um treinador que não aceitava e dizia sempre: sua opção sexual é sua opção sexual, mas dentro de quadra você é um atleta” (Entrevistado 7).*

As falas acima citadas referendam, primeiramente, o quanto a masculinidade em suas formas hegemônicas é uma prerrogativa disseminada no âmbito esportivo, por vezes, tentando anular a coexistência com atletas gays, apontando a arena esportiva como uma instituição fortemente segregadora (ALMEIDA; SOARES, 2012, p.315). Outro aspecto a ser destacado concerne à figura emblemática do técnico, e que aparece nos discursos dos atletas na realidade norte-riograndense como fonte de estigmas, tocando de forma forte a área da Educação Física e na formação de seus profissionais, que parecem não estar preparados para lidar com as questões de diversidade nos espaços de treinamento esportivo.

Outra categoria a se pensar dentro das questões de preconceito no voleibol, refere-se aos homens heterossexuais presentes nesta prática. A partir das entrevistas, percebemos que os sujeitos tem seu estatuto heterocentrado questionado por jogar voleibol com os gays. Podemos perceber mais uma vez a ligação entre voleibol e universo feminino ou homossexual desencadeando discursos balizados em esteriótipos. Ao serem perguntados sobre preconceitos por jogarem voleibol, os heterossexuais entrevistados explanam:

*“Tiveram casos engraçados, eu não levo a sério, se você se incomodar é pior. Voleibol é algo que me dá prazer, o problema é generalizar. Eu fazia enfermagem e jogava vôlei, já levei cantadas, joguei numa equipe que só tinha eu de hetero” (Entrevistado 7).*

*“Preconceito, em termos de amigos tirarem onda, fazerem brincadeira, nesse nível assim já, mas preconceito sério, pesado, nunca, eu sempre levei na brincadeira. Por um lado sim. O Jogador de vôlei ele fica marcado como*



*ô a, bichinha que joga vôlei, quando chega num canto e fala que joga vôlei, acha logo que é homossexual. Por esse lado é negativo” (Entrevistado 5).*

Os discursos acima citados mostram que “muitas vezes, no âmbito da atividade física se faz a relação da homossexualidade com determinadas práticas corporais, estigmatizando seus praticantes.” (ARAÚJO, 2002, p.20). Contudo, esteriotipar o corpo e sua sexualidade a partir de práticas corporais e esportes é compreender essas dimensões do ser humano de forma extremamente reducionista e normalizadora, tendo em vista que a sexualidade refere-se a uma complexidade e amplitude de dimensões que vão muito além da prática corporal vivenciada pelo sujeito. As “brincadeiras” que o entrevistado 5 relatou acima e que, segundo ele, não eram “pesadas” revelam esse quadro de estereótipos e acriticidade.

Foi perceptível também, a existência de um certo receio dos heterossexuais em serem tachados de gays ou “bichas” ao participarem de equipes compostas majoritariamente por homossexuais. Um dos entrevistados, ao versar sobre a relação entre gays e heterossexuais durante o JUB’s afirma que:

*“Da minha parte foi tranquila, nenhum mexeu comigo, nenhum tentou nenhuma intimidade comigo, por esse lado ai foi tranquilo” (Entrevistado 5).*

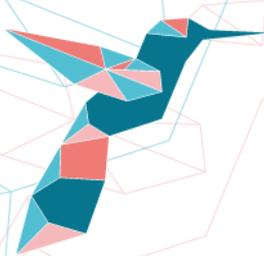
Outro entrevistado ao falar sobre a relação entre “heteros e homos” no vôlei afirma que muitos heterossexuais tem medo de serem tachados, xingam os gays, não querem jogar com eles, com as “bichas”. Outro discurso emblemático desse fato pode ser visualizado abaixo:

*“Uma pequena parte dos heteros eram amigos só dentro da quadra. Não estavam dispostos a serem vistos em público com os gays, logo eu que sou muito chamativa, tinham medo de ser taxados de gay.” (Entrevistado 4)*

Nesse sentido tem-se que:

*“O medo da homossexualidade impregna as culturas homosociais: medo de ser, sem sabê-lo, no contato com homossexuais, medo também de ser tomado por um homossexual, o que leva a acentuação de condutas machistas para desviar as suposições” (TAMAGNE, 2013, p.442)*

Esse medo juntamente com suposições e questionamentos da sexualidade dos jogadores de voleibol faz com que, às vezes, pais tentem afastar seus filhos dessa prática, como aconteceu com alguns dos entrevistados, e foi citado por outros como aspecto negativo dessas associações e estigmas. Diante dessas discussões é preciso reafirmar que as inscrições de identidades de gênero acontecem no âmbito da cultura, e talvez por isso o movimento



humano, enquanto expressão biológica e cultural, esteja associada às dimensões sexuais, sem, no entanto, consistir em fator determinante dos afetos de quem o experiencia (ARAÚJO, 2002).

## FAMÍLIA E TORCIDA: ESPAÇOS MARCADOS PELO PRECONCEITO

É interessante perceber que no caso dos jogadores do RN, o preconceito se desencadeou principalmente por duas vertentes: a familiar e a de torcida. E que ambas se materializam devido a associação entre voleibol e universo feminino ou da homossexualidade masculina. O entrevistado 1, por exemplo, ao narrar sua entrada no voleibol, explana que:

*“Foi escolha minha sim, quando eu tinha nove anos eu treinava com o time feminino na escola que eu estudava, e minha família, minha irmã, ela não queria me levar no treino, eu me lembro, porque não tinha masculina, a escola era pequena, e a questão do preconceito da minha irmã dizendo que aquilo não era esporte pra homem [...] O primeiro ano que joguei mesmo tinha 11 anos num time masculino. Eu me lembro como se fosse hoje” (Entrevistado 1).*

No caminho desse discurso, o entrevistado 2, revela que ao realizar algumas atividades enquanto criança, o preconceito não se fez presente inicialmente no voleibol, mas na ginástica, como ele nos revela:

*“Ai veio a oportunidade de fazer ginástica olímpica, foi onde surgiu realmente o preconceito, minha mãe não queria porque era coisa de mulher e homem não faz. Ai optei somente pelo volei por ter altura, habilidade e gostar, até então eu não sabia essa questão da sexualidade, que tinha esse preconceito” (Entrevistado 2).*

Esses dois discursos iniciais são representativos da generificação das práticas corporais, que associa determinadas atividades a um gênero específico, e no caso, impedindo que homens pratiquem esportes tradicionalmente ligados ao universo feminino. Ao refletir sobre o voleibol, temos que este não é um esporte de contatos corporais rudes, e talvez por isso seja associado ao feminino, distanciando-se de certo modelo de masculinidade agressiva e tradicional nos esportes, do qual nos fala Dunning e Maguire (1997, p.324).

Nesse sentido, “alguns esportes puderam ser desqualificados como “afeminados”, porque eles valorizam qualidades tanto estéticas quanto atléticas (TAMAGNE, 2013, p.441). Talvez essa lógica também opere nos casos citados, na ginástica olímpica e no voleibol, tendo em vista que existem gestos sutis e delicados, mas que ao mesmo tempo requerem uma força muscular para execução dos movimentos. Contudo, ao mesclarem força viril e delicadez,



esses esportes tem sido territorializados como espaços que se distanciam do masculino tradicional e das formas agressivas no esporte.

Quando nos reportamos mais especificamente às questões familiares, percebemos que dos sete entrevistados, quatro relataram tentativas de impedimento em praticar o voleibol por parte de seus pais ou familiares, sempre justificando tal atitude referenciando o voleibol como esporte de gay ou de menina. O entrevistado 3 explica:

*“Meu pai chegou a me proibir de jogar, porque tinha muito gay, e talvez ele tivesse medo de me influenciar, e também cidade pequena, todo mundo fica falando e tal [...] ai ele me proibiu e eu passei dois anos sem jogar, eu tinha treze anos. Depois fui jogar em Mossoró e voltei aos poucos” (Entrevistado 3).*

Outro atleta entrevistado nos revelou que seu pai o “encostou” na parede uma vez e ameaçou bater nele devido o voleibol. Na contramão dessas atitudes, a família dos heterossexuais entrevistados nunca tentaram impedir a prática, e o único jogador homossexual que compartilha desse apoio familiar, nos fala que os pais ficavam admirados com sua habilidade, o que nos leva a refletir que a habilidade escanteasse ou tirasse o foco do domínio da sexualidade.

Centrando a atenção no âmbito dos preconceitos que partem de torcedores, percebemos que a torcida deixa de ser um fator de apoio, na medida em que pronuncia ataques preconceituosos. Nesse contexto, destaca-se o caso do jogador Michael que foi citado no início do texto, bem como falas dos entrevistados, que revelaram um papel dúbio da torcida, que no campeonato específico (JUB’s) funcionaram como apoio, no entanto em algumas ocasiões no Rio Grande do Norte, foram responsáveis por cantar hinos entoando o preconceito:

*“Muitos, de torcida, adversários, técnicos, várias situações chatas. Eu sempre fui alvo de observações, queriam tirar minha concentração. Sofri críticas pesadas: Ah Viadinho! [...] Eu lembro de uma situação nas semifinais dos JERN’s<sup>3</sup>, tinha 15 anos, tinha sido convocado para seleção infanto-juvenil, e foi uma situação constrangedora, meus familiares estavam assistindo, e a torcida começou a cantar em coro quando eu tocava na bola: Número 2, veado! Isso quase me tirava do sério. Nos brasileiros, escutava piadinhas no corredor: Ah, lá vai a mocinha do RN! Porque sempre tive trejeitos, era muito natural, sempre tive esse aspecto mais afeminado, e junto com a minha forma de expressar, também tinha a questão de me destacar. Ah[..].o gay que era melhor, que se destacava mais, que fazia mais*

<sup>3</sup> Jogos Escolares do Rio Grande do Norte.



*pontos do que os heteros[...]Às vezes eu tinha vergonha pelo que minha família ia pensar” (Entrevistado 2).*

No seu texto sobre o caso Michael no voleibol, Bandeira (2013, p.3) afirma que “Ao aprender a jogar ou mesmo a torcer, não se aprende apenas como executar essas práticas da melhor forma possível, mas se ingressa em uma instituição repleta de significados.” Nesse sentido, ao torcer por um determinado time, é possível exteriorizar certos sentidos, significados, ideias, inclusive preconceituosas, às vezes com o intuito de desestabilizar o adversário. Contudo, o caso narrado pelo entrevistado acima pode ser caracterizado enquanto uma violência simbólica na medida em que:

A violência simbólica envolve apenas atitudes verbais e/ou gestuais, sendo que normalmente ela é emocionalmente satisfatória e agradável, produzindo até mesmo um efeito catártico no indivíduo. [...] Ela é socialmente aceita e, nos estádios de futebol, pode ser observada a partir dos gestos e gritos realizados pelos torcedores e de algumas canções e hinos cantados por eles (REIS *apud* BANDEIRA, 2013, p. 4).

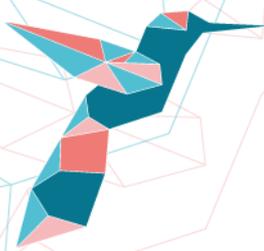
Para além do entrevistado 2, outro sujeito da pesquisa relatou um caso parecido de violência simbólica da torcida:

*“Eu tive que jogar com um short feminino, e a torcida começou a gritar incha, incha, incha, o sete é uma bicha! Mas eu achei foi bom, eu nunca liguei, sou muito tranquilo em relação a isso” (Entrevistado 1).*

A violência acima relatada, nos evidencia o quanto “o campo esportivo é eminentemente um mundo dividido por gênero, no seu sentido “clássico”, o que inclusive teria desencadeado a trama de preconceitos contra os atletas homossexuais” (ROJO; MELO, 2006, p. 4). E é, em decorrência disso, que os sujeitos ao afastam da tradicionalidade e normatividade do gênero e da sexualidade são alvos de injúrias como a citada acima.

Contudo, quando perguntamos sobre a torcida no âmbito do campeonato em questão que a equipe participou (JUB’s), todos responderam que as pessoas torciam por eles. Inclusive na reportagem sobre o time do RN citada no início do texto, o repórter pergunta a uma jogadora de handebol porque eles conquistaram a torcida, a jovem responde que eles são uma equipe bem-humorada, revelando a categoria do cômico e da diversão, apontadas também pelos entrevistados ao serem questionados sobre o apoio da torcida nos jogos universitários:

*“Acho que a torcida gosta por ser uma coisa diferenciada, por sermos um time simpático. Era uma coisa engraçada, cômica e chamava atenção, a*



*gente jogava, brincava, dançava na quadra, e fazia a torcida se divertir também, mas não para agredir o adversário” (Entrevistado 2).*

Esse acionamento cômico é bastante recorrente e relacionado com as figuras gays e “afeminadas” da equipe. Por essa disparidade de atitudes, concordamos com Louro (2013) ao afirmar que a visibilidade desses corpos que diferem do padrão de gênero e sexualidade hegemônicos causam efeitos contraditórios, pois ao mesmo tempo em que causam aceitação da pluralidade, possibilitando inclusive o consumo de seus produtos culturais, na direção oposta causam uma fortificação e acionamento de ataques e campanhas de afirmação e retomada dos valores tradicionais, e tal paradoxo pode ser visto no âmbito das torcidas nos contextos vividos por esses jogadores.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As histórias aqui narradas através das entrevistas nos mostram, na contramão do tradicionalismo dos cenários formativos, que a diversidade de masculinidades e feminilidades no plural é possível, aqui especificamente relacionado ao mundo esportivo do voleibol, subvertendo arquétipos clássicos neste espaço, causando choques, surpresas e resistências, numa dinâmica social de rupturas e continuidades que se constroem na vida social. Dessa forma, é necessário admitir a subversão do clássico e também a resistência social que ainda persiste no tocante à admissão da diversidade sexual e de gênero.

Os cenários aqui construídos mostram o quanto o estigma para com o gay ou *queer* no esporte ainda é forte e enraizado, tendo em vista os preconceitos latentes proferidos contra os jogadores homossexuais do RN. Foi perceptível preconceitos e enfrentamentos desses sujeitos ao se afirmarem no esporte, no que diz respeito à família, torcida, instituição esportiva tradicional, etc. Além disso, observou-se que os aspectos que causam a maior parte dos preconceitos e exclusões dessas pessoas no voleibol está ligada à gestualidade e signos femininos que afirmam em seus corpos, enquanto condição de ser e existir no mundo.

Os preconceitos advêm fortemente da torcida, não estando presentes na Educação Física escolar básica. O quesito família, por sua vez, aparece como locus de preconceitos devido à generificação das práticas, que desencadeia, inclusive, impedimentos direcionados aos jogadores para com a realização de sua prática.

Os sujeitos apontam acontecimentos discriminatórios na escola, nos ambientes de treinamento, partindo de técnicos, adversários, torcida, companheiros de equipe. Nesse



sentido, a Educação Física e seus professores precisam atentar para essas questões e não contribuir para o reforço da generificação e dos preconceitos, contribuindo para escantear os gays para espaços guetificados no âmbito das práticas corporais.

Esse cenário aponta para uma necessária mudança no campo da Educação Física, enquanto área de conhecimento e prática pedagógica e formativa na escola, seja nos cenários de treinamentos ou nas aulas do componente curricular. É interessante perceber que os sujeitos da pesquisa não relataram preconceitos sofridos no espaço das aulas de Educação Física escolar, até porque alguns deles não vivenciaram essas aulas em suas escolas interioranas, fazendo parte apenas do treinamento esportivo. Nessa direção, um dos entrevistados relatou uma lembrança de suas aulas, ligando a Educação Física à aulas de queimada, nas quais jogava no time das meninas, referendando as práticas reducionistas e generificadas que marcaram e ainda assolam a Educação Física na escola, como foi possível perceber na fala de outro entrevistado ao confessar a divisão nas aulas em queimada para as meninas e futebol para os meninos, reforçando a generificação.

Nesse sentido, é importante que as aulas de Educação Física não se reduzam à queimada e futebol, mas que problematizem as construções culturais do feminino e do masculino e suas implicações nas práticas corporais, tematizando e discutindo o gênero e a sexualidade. Dessa forma, talvez a Educação Física possa contribuir para romper com os dualismos, categorizações, classificações, tradicionalismos que regem a prática esportiva dos sujeitos de gênero e sexualidades não tradicionais.

Prejudices of Body, Gender and Sexuality in Sport: Volleyball as Woman and “Queer” Space

#### ABSTRACT

*This text aims to reflect about the context of prejudices of gender and sexuality experienced by a group of volleyball players/RN, through of stories counted in semi-structured interviews. The subjects indicate discriminatory events at school, competitions, from coaches, opponents, supporters, and also of the family.*

**KEYWORDS:** Volleyball; Gender; Sexuality.

Prejuicios del Cuerpo, Género y Sexualidad en el Deporte: Voleibol Como Espacio Gay e de la Mujer

#### RESUMEN



*Este estudio tiene como objetivo reflexionar sobre los estigmas y prejuicios de género y sexualidad vivida por un grupo de jugadores de voleibol del RN, a partir de historias contadas en entrevistas semi-estructuradas. Los sujetos indican eventos discriminatorias en la escuela, competiciones, de los entrenadores, adversarios y también de la familia.*

**PALABRAS CLAVES:** Voleibol; Género; Sexualidad.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, M. B.; SOARES, A. S. O futebol no bando dos réus: caso da homofobia. *Movimento*: Porto Alegre, v. 18, n. 01, p. 301-321, jan/mar, 2012.

ARAÚJO, A. C. *Elementos do pós moderno na representação do esporte no cinema contemporâneo*. 2012. 153 f. Tese (Doutorado em Comunicação)- UFPE, Recife, 2012.

ARAÚJO, J. P. C. de. *Corpo, Sexualidade e Educação Física*. 2012. 63 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Curso de Educação Física, Departamento de Educação Física, UFRN, Natal, 2005.

BANDEIRA, G. A. *Homofobia, Masculinidade e Esporte*. O caso Michael. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 10, 2013, Florianópolis. *Anais ...* Florianópolis: Seminário Internacional Fazendo Gênero, 2013, p.1-10.

COSTA, T. Y. da. Tropa de Elite: Construção do Masculino e Heteronormatividade. In: BRAGANÇA, M. de; TEDESCO, M. C. (Orgs.). *Corpos em projeção: Gênero e sexualidade no cinema latino-americano*. 7 ed. Rio de Janeiro: Letras, 2013.

DOS ANJOS, L. A. *Conflitos de gênero e sexualidade no esporte: O episódio Michael*. In: ANAIS II CONINTER: Congresso Internacional Interdisciplinar em Sociais e Humanidades, 2, 2013, Belo Horizonte. *Anais ...* Belo Horizonte: Associação Interdisciplinar em Sociais e Humanidades, 2013. p. 1-18.

DUNNING, Eric; MAGUIRE, Joseph. As relações entre os sexos no Esporte. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v.5, n.2, p.321-348, 1997.

GONÇALVES, R. de C.; LISBOA, T. K. Sobre o método da história oral em sua modalidade trajetórias de vida. *Rev. Katál*: Florianópolis, v. 10 n. esp. p. 83-92, 2007.

JAEGER, A; GOELLNER, S.V. O músculo estraga a mulher? A produção de feminilidades no fisiculturismo. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v.19, n.3 p. 955-975, set-dez, 2011.

LOURO, G. L. Currículo, gênero e sexualidade – O “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. (Orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. 9 ed. – Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2013.

ROJO, L. F.; MELO, V.A. As Damas de Ferro – Comentário do Filme. *Esporte e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. n.2, p.1-5, 2006.

TAMAGNE, F.. Mutações homossexuais. In: COURTINE, Jean-Jacques (Orgs.). *História da virilidade: A virilidade em crise? Séculos XX-XXI*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

TRIVIÑOS, A. N. S. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: A pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.